

Ajuda o trabalho de socorro aqui mesmo, com esforço da limpeza interna.

Esquece os males que te apoquentam, desculpa as ofensas de criaturas que te não compreendem, foge ao desânimo destrutivo e enche-te de simpatia e entendimento para com todos os que te cercam.

O mal é sempre a ignorância e a ignorância reclama perdão e auxílio para que se desfaça, em favor da nossa própria tranquilidade.

Se pretendes, pois, guardar as vantagens do passe que, em substância, é ato sublime de fraternidade cristã, purifica o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro.

Ninguém deita alimento indispensável em vaso impuro.

Não abuses, sobretudo, daqueles que te auxiliam. Não tomes o lugar do verdadeiro necessitado, tão só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos.

O passe exprime também gastos de forças e não deve provocar o dispêndio de energias do Alto, com infantilidades e ninharias.

Se necessitas de semelhante intervenção, recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes celestes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração na confiança positiva e, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos, porque, de conformidade com as letras sagradas. "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças".



FRATERNIDADE

"Amemo-nos uns aos outros..." — João.

(I João, 4:7).

Nem um só monumento do passado revela o espírito de fraternidade nas grandes civilizações que precederam o Cristianismo.

Os restos do Templo de Carnaque, em Tebas, se referem à vaidade transitória.

Os resíduos do Circo Máximo, em Roma, falam de mentirosa dominação.

As ruínas da Acrópole, em Atenas, se reportam ao elogio da inteligência sem amor.

Santuários e castelos, arcos de triunfo e muralhas preciosas, hoje relegados à miséria e ao abandono, atestam a passagem da discórdia, da prepotência e da fantasia...

Antes do Cristo, não vemos sinais de instituições humanitárias de qualquer natureza, porque, antes d'Ele, o órfão era pasto à escravidão,



as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comise-
ração.

Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modi-
fica.

O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os enfermos ao lixo, de decepar as mãos dos prisioneiros, de vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos trabalhos de rotina doméstica, de martirizar anciãos e zombar dos humildes e dos tristes.

Um novo mundo começa...

Ao influxo do Divino Mestre, o homem passa a enxer-
gar os outros homens.

O lar, a maternidade, o berçário, a escola, o hospital, o asilo, são recintos sagrados e um novo gênio de luz er-
gue-se muito acima daqueles que se faziam respeitar pe-
la espada, pelo sangue, pela sagacidade e pela força, pa-
ra governar as almas na Terra.

Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos, o gênio da Fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silên-
cio, na divina construção do Reino do Senhor.



SERVIÇO

*"... Trabalhando para não
sermos pesados a nenhum
de vós." — Paulo.*

(Tessalonicenses, 3:8.)

Antes de Jesus, o serviço, sem
dúvida, constituía abjeção ou mise-
rabilidade.

Excetuadas as lides da guerra e
as preocupações da governança que
representavam o trabalho honroso da
habilidade e da inteligência, qual-
quer gênero de atividade era consi-
derado esforço inferior que deveria
ser relegado aos homens cativos.

O serviço-punição estava em to-
da parte.

Escravos nas letras.

Escravos no ensino.

Escravos na rotina doméstica.

Escravos nos espetáculos.

Escravos no mar.

Escravos no solo.

Onde estivesse alguém ajudan-
do ao próximo, no uso respeitável
dos braços, aí se achava um cora-

